

AS NARRATIVAS CENTENÁRIAS DO TERREIRO BATE FOLHA

José Roberto Severino¹

Jamie Lee Andreson²

Carla Maria Ferreira Nogueira³

Resumo: Este artigo é um breve relato dos resultados de uma atividade de pesquisa e extensão em andamento junto ao terreiro Bate Folha em seu centenário. As pesquisas históricas e convivências etnográficas ajudam a definir os temas centrais que surgiram durante as celebrações dos cem anos do terreiro Bate Folha, celebrado em dezembro de 2016. Casa tradicional Angola, de origem Muxicongo, localizada no bairro da Mata Escura, em Salvador, fundada pelo Sr. Manoel Bernardino da Paixão, o terreiro mantém viva uma comunidade praticante em seu entorno. O presente trabalho analisa uma seleção das entrevistas concedidas pelos membros do terreiro à Agência Experimental da Faculdade de Comunicação (FACOM/UFBA), como parte dos trabalhos para a produção das comemorações que incluem um documentário “Os 100 Anos do Bate Folha”. O projeto prevê refletir a partir da memória coletiva da comunidade religiosa, em seu momento centenário, as histórias de vida, a territorialidade como testemunho do processo de urbanização da cidade do Salvador, a conservação de ritos e edificações consideradas como patrimônio material e imaterial afro-brasileiros, assim como as lembranças acerca da figura representativa e liderança do seu fundador. A proposta do documentário partiu do próprio desejo da comunidade religiosa em contar a sua história como forma de autorrepresentação. Os temas abordados incluem a importância da relação espiritual com a própria terra, a natureza e a região do entorno do Bate Folha, as relações familiares, gerações e linhas de sucessão presentes ao longo da história da organização religiosa do ponto de vista interno, na perspectiva dos pais e mães, filhos e filhas da Casa.

Palavras-chave: Memória, Patrimônio, Candomblé, Terreiro Bate Folha.

As celebrações ocorridas no ano de 2016, em comemoração ao centenário do terreiro de candomblé Bate Folha, acionaram em sua comunidade religiosa o desejo de relatar as próprias experiências e histórias vivenciadas ao longo desses cem anos. Acontecimentos guardados no espaço da memória, fatos lembrados, recordações revividas ligaram passado e presente, reuniram mães e pais, filhos e filhas da Casa em narrativas individuais e coletivas.

Para tanto, aqui serão tratados os processos de ligação entre as histórias de vida, identidade e memória, tomando como pressuposto de análise os estudos em torno das histórias coletivas relacionadas ao social que têm em Michael Pollak e Maurice Halbwachs seus

¹Professor do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura/UFBA) e da Faculdade de Comunicação da UFBA. Doutor em História pela Universidade de São Paulo. jseverino@ufba.br.

²Doutoranda em história e antropologia pela University of Michigan. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pelo Pós-Afro, UFBA. ajamie@umich.edu.

³ Doutoranda do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura/UFBA). Bolsista Capes. E-mail: carlamar82@hotmail.com.

principais expoentes e como auxílio de compreensão de leitura para as narrativas do terreiro, a utilização do aparato metodológico da história oral. Neste sentido, pensamos como o terreiro de candomblé “com seus rituais e crenças, é essencial para a construção e a dinâmica das identidades” das pessoas (VELHO, 2012, p. 57). Também tratamos da importância dos terreiros de candomblé em termos de patrimônio material e imaterial, como “lugares privilegiados de transmissão de conhecimentos tradicionais religiosos e medicinais, de produção cultural, de preservação de memórias ancestrais e [...] de preservação das línguas africanas que já não têm uso cotidiano (SANT’ANNA, 2012, p. 28)”.

O Manso Banduquenqué, mais conhecido como Terreiro Bate Folha, é uma tradicional Casa de candomblé de origem Congo-Angola dedicada ao Nkisi⁴ Mbamburusema Nvula⁵, reconhecida pela grande representatividade do seu fundador, o Sr Manoel Bernardino da Paixão, em finais do século XIX e início do século XX e pela ampla área remanescente de mata atlântica e de árvores centenárias sagradas resguardadas em toda a sua extensão territorial de 15 hectares de plena vegetação, tornando-a um espaço onde se pratica uma religião em que o sagrado está na natureza, no contato com a terra e na relação entre as pessoas.

Localizado na zona urbana de Salvador, o terreiro está situado na Mata Escura, uma das áreas populares da periferia soteropolitana. Bairro, que de acordo com os dados do IBGE, censo 2010, possui 33.454 habitantes, com renda média da população no valor de R\$830,00, sendo desse total, 11.873 moradores beneficiários do Programa Bolsa Família. Ainda, segundo levantamento do Centro de Referência e Assistência Social da Mata Escura, há 1.517 usuários cadastrados no CAD Único, representando uma parcela significativa da população cadastrada em programa de assistência social, identificada por famílias de baixa renda que necessitam de políticas públicas específicas em decorrência do processo de vulnerabilidade social. Quanto aos dados estatísticos do IBGE relacionados à raça/etnia, o bairro da Mata Escura possui 31,51% de residentes que se autodeclaram negros e 53,58% pardos, demonstrando que a discussão em torno das questões identitárias é emergente para sedimentar as relações de pertencimento e de identificação com o legado das contribuições negra em nosso estado e país.

⁴ Nkisi: denominação das divindades dos povos Bantu falantes das línguas Kimbundo e Umbundu originários da região norte de Angola, e Congo.

⁵ Mbamburusema Nvula: divindade atuante nos ventos e chuvas, que por sua vez provoca as tempestades.

Muitas problemáticas assolam o bairro em que o terreiro Bate Folha está situado, dentre elas o alto índice de homicídios que acomete, principalmente jovens, em sua grande maioria negros e negras. Conforme dados estatísticos de 2017, o Departamento de Homicídios de Proteção da Secretaria de Segurança Pública da Bahia divulgou o ranking de bairros com mais mortes violentas contabilizadas por mês, aparecendo o bairro da Mata Escura em oitavo lugar da lista com 15 homicídios, fatores que aliados à proximidade com a penitenciária Lemos de Brito contribui para a manutenção de ideias do senso comum que o reforça o estereótipo de localidade violenta, marginalizada e perigosa, pois, em seus arredores, existe um dos maiores presídios da Bahia. Em contraposição a esses aspectos, uma, dentre outras referências positivas presente no bairro, de acordo com os depoimentos dos próprios moradores, é o Terreiro Bate Folha e a herança histórica de resistência e luta do candomblé. Portanto, comemorar cem anos é um acontecimento que mobiliza a comunidade religiosa tradicional, como também movimenta todo o bairro, restabelecendo um preponderante momento para reforçar os laços com a vizinhança que circunda o terreiro no resgate de relações comunitárias existentes desde a sua fundação.

A obrigação⁶ em homenagem à dona da Casa, como os membros do terreiro se referem à divindade Mbamburusema Nvula, foi realizada exatamente cem anos após a data da escritura⁷ de compra, documento reconhecido pelo estado como a fundação oficial do terreiro, conforme as leis de posse de terra, adquirida por Manoel Bernardino da Paixão, no dia 10 de dezembro de 1916. Evento carregado de simbologia para a comunidade religiosa, pois a data corresponde ao período em que ocorrem anualmente os festejos de dezembro.

Membros do terreiro afirmam que Seu Bernardino (como o fundador é carinhosamente referido) chegou às terras do Bate Folha, que era uma grande fazenda no século XIX, bem antes de 1916, local provavelmente habitado por africanos de outras nações e que teriam praticado rituais por séculos anteriores, inclusive os de nação Jejê. Uma filha de santo, Sr^a Kátia Alexandria Barbosa (*in memoriam*), sugeriu que pudesse ter levado anos para Seu Bernardino conseguir o dinheiro para comprar a terra e passar pelos processos burocráticos do estado para conseguir a escritura.⁸As lembranças configuram-se em memórias comuns, condensadas em narrativas históricas que são passadas oralmente por gerações de filhos e filhas do terreiro do Bate Folha e destacam a existência do terreiro anterior à data de

⁶ Termo utilizado entre filhos e filhas do terreiro para designar as celebrações litúrgicas internas

⁷ APEB. Escritura de venda, Livro 1279, p. 33v-34v. December 11, 1916.

⁸ Entrevista com Kátia Alexandria Barbosa. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 5 de outubro, 2016.

escritura. Contudo, nos festejos as atividades foram organizadas em torno do documento que comprova a legitimidade da propriedade da terra, local para a prática e continuidade dos ritos Congo-Angola, baseados e transmitidos nos fundamentos do Sr. Bernardino. Embora a data fundamental para o marco do centenário tenha ocorrido em dezembro, as comemorações foram abertas desde o início do ano, em janeiro de 2016, quando a primeira divindade, Lemba⁹, também Nkisi do fundador, foi reverenciado por todos, abrindo as celebrações do Terreiro. Em seguida, na sexta-feira de carnaval, o bloco de samba Alvorada, prestou homenagem aos cem anos de fundação do Terreiro Bate Folha e em entrevista concedida à Agência Experimental, os proprietários da entidade carnavalesca e também filhos da Casa, Alaíde França e Vadinho França declararam a importância dessa iniciativa.

Desfilamos no carnaval, no circuito Osmar e tivemos esse saque de [...] nesse momento profano levar pra avenida essa homenagem ao terreiro do candomblé, que nunca aconteceu. Aos cem anos do Bate Folha, porque já se fez homenagem a orixá, a sacerdotisa, ao negro, mas a uma casa, um terreiro, foi a primeira vez que um bloco leva pra rua, num momento profano, falar dessa intolerância religiosa que ainda impera muito nos nossos dias. (Entrevista concedida em 28/10/17 à Agência Experimental da UFBA/FACOM)

As diversas manifestações realizadas durante o ano foram importantes para firmar o papel do Terreiro em sua atuação na salvaguarda de culto. Durante os meses subsequentes após as primeiras celebrações de início do ano, todos os Mikisi¹⁰ foram reverenciados em agradecimento aos anos de permanência, proteção e perpetuação do legado deixado por Manoel Bernardino da Paixão, principalmente na manutenção dos ritos e conservação do espaço físico.

Tombado em 10 de outubro de 2003 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em razão das ações em prol da valorização e continuidade dos ritos da religiosidade afro-brasileira, o Terreiro Bate Folha também foi reconhecido como Patrimônio e Território Cultural Brasileiro pela Fundação Cultural Palmares pelo importante núcleo de culto afro-brasileiro de Nação Congo-Angola. Ordep Serra, em seu laudo antropológico feito para o IPHAN em 2002, caracteriza o Bate Folha como “um monumento que marca, na memória nacional, a forte presença dos bantos, a quem deve o Brasil muito de sua formação” (SERRA, 2014, p. 335). Como a única casa da nação angola registrado como patrimônio

⁹ Lemba: primeira divindade criada por Nzambi ou Nzambi MNpungu (Deus Supremo) relacionada à criação do mundo

¹⁰ Mikisi: plural do termo **Nkisi**.

nacional, o Bate Folha tem o peso de “um campo simbólico onde se preserva, através de ritos, um acervo de valores e saberes transmitidos por antepassados africanos, mas também uma original criação brasileira, um construto histórico do Brasil” (SERRA, 2014, p. 338). Esses e outros reconhecimentos do estado foram centrais na realização das celebrações centenárias que incluíram várias ações públicas externas ao terreiro.

No dia 24 de novembro de 2016 ocorreu uma sessão especial em homenagem ao Centenário do Bate Folha, na Assembleia Legislativa da Bahia, proposta pelo Deputado Bira Coroa. Em seguida, no dia 27, último domingo do mês de novembro, como sempre ocorre desde o período da época de sua fundação, houve a missa em homenagem a Santa Bárbara, dessa vez também em reverência ao centenário do Bate Folha, na igreja Rosário dos Pretos, no Pelourinho. Nos dias 03 e 04 de dezembro o terreiro sediou o seminário “100 anos do Terreiro do Bate Folha” com uma grande programação de palestras e participações de representantes de órgãos públicos, de terreiros, acadêmicos e atividades culturais¹¹ e a exposição fotográfica “100 anos depois”. O Centro de Memória da Bahia, vinculado à Fundação Pedro Calmon, sob a direção de Zulu Araújo, publicamente assinou um termo de colaboração com o Terreiro, durante o seminário, para construir um memorial que retrata a história do terreiro “como um instrumento de preservação da memória do candomblé e das tradições banto na Bahia”.¹²

A equipe da Agência Experimental da UFBA fez a cobertura de todos esses eventos e realizou, com início no mês de setembro, uma série de entrevistas com os membros da comunidade. A partir desse material foram gerados dois produtos de audiovisual, uma amostra do documentário que foi exibida no dia 24 de novembro na Assembleia Legislativa da Bahia e o documentário de 16’39” apresentado no dia 03 de dezembro, na abertura do seminário, com uma excelente recepção da comunidade. Desde então, o documentário está em processo de edição final por uma equipe que envolve alunos da graduação, mestrado, doutorado e professores.

Fundada em 2007, na Faculdade de Comunicação da UFBA, a Agência Experimental, foi convidada pelo Terreiro Bate Folha para contribuir na produção dos festejos do centenário, ficando responsável por registrar os processos de produção do centenário. O trabalho de

¹¹Os participantes no seminário incluíram Zulu Araújo da Fundação Pedro Calmon/SecultBA, Yeda Pessoa de Castro e Ordep Serra; apresentações da Companhia de dança do bairro da Mata Escura: Cia da Mata, do Bloco Alvorada e do cantor Gerônimo; o professor Erivaldo Nunes da UFBA, cuja tese de doutorado versa sobre Seu Bernardino; Camilo Afonso, Adido cultural de Angola, Tata Tauá, da COBANTU, Tata Nazazi (Ricardo Aragão) do Terreiro Tumbansé e Carla Nogueira do Terreiro Bate Folha.

¹² Zulu Araújo, “Apresentação” IN: *100 Anos Bate Folha*. Programa do centenário. Terreiro Bate Folha, 2016.

registro das memórias desencadeou a necessidade de refletir sobre a importância do terreiro, o significado dos cem anos, o significado de relatar as memórias mantidas ao longo das gerações. Os agenciadores buscaram a produção um produto audiovisual que pudesse contribuir para o conhecimento do terreiro como uma grande referência na nação Congo-Angola do candomblé brasileiro. No conjunto do trabalho efetivado, foram realizadas entrevistas com 62 membros do terreiro ao longo de algumas semanas de filmagens, entre setembro e novembro de 2016. Essas entrevistas produziram registros das próprias impressões da comunidade sobre si mesma, como uma forma de autorrepresentação, momento em que os entrevistados falaram sobre os aspectos mais significativos de pertença ao terreiro, criando uma visão panorâmica do impacto do Bate Folha em suas vidas, para o bairro e para a cidade de Salvador.

O candomblé utiliza a oralidade na transmissão do conhecimento, seja no processo de iniciação ou na vida cotidiana de ensinamentos e saberes. Nesse sentido a história oral se apresenta como importante metodologia para a produção de fontes privilegiadas para a escrita da história de atores sociais, a exemplo de povos e comunidades tradicionais, que por meio de suas memórias e narrativas montam importantes fontes para análises. De acordo com Verena Alberti, a narrativa é um dos principais alicerces da história oral. “Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido.” (ALBERTI, 2006, p. 159).

Na perspectiva da livre apreensão dos sentidos criados a partir das vivências no terreiro, as perguntas feitas durante as entrevistas foram abertas, dando espaço para os entrevistados compartilhar histórias e memórias. Cada entrevistado relatou a importância do Bate Folha para suas vidas pessoais de uma forma particular, contando a trajetória da casa e a própria participação. No processo de entrevistar os mais velhos, surgiram muitos detalhes da região circundante ao Bate Folha e as transformações ocorridas ao longo do século XX. Nesse sentido, o material das entrevistas serve como um registro importante das percepções de mudança de uma cidade rural em área urbana, a estrutura de vida e a logística das práticas religiosas dentro da comunidade Bate Folha e o percurso de solidificação enquanto grande referência para a região e para o candomblé no contexto geral.

No relato de uma das filhas de santo da Casa, Sr. Edelzuíta de Souza Barreto, mais conhecida por Dona Delza, observamos detalhes relatados sobre sua chegada ao Bate Folha, a partir de 1954, e um recorte do cenário de Salvador à época.

Eu cheguei aqui em 1954, pelo Bom Juá, que não tinha ônibus aqui nem nada, a gente vinha mais pela Fonte da Telha, então subia até chegar aqui. Isso em 1954, fiquei aqui seis anos, quando foi em 1958 fui iniciada, pronto. Aí de lá de 58 até o presente tô aqui.

[...] num tinha BR trezentos, a gente vinha de bonde, saltava no Retiro e do Retiro subia aqui o fundo, pelo fundo até chegar aqui.... Quando eu cheguei aqui não tinha luz, não tinha água, a luz daqui era de candeeiro e de facho, a noite o pessoal que vinha lá por baixo vinha com o facho pra poder clarear porque não tinha energia. Então a Mata Escura é isso, as casas tudo era com um pedacinho pra se andar, depois de muitos anos foi que foi chegando, alarguendo, fez pista, aumentando, mas era casinha de taipa, sabe não sei se você sabe o que é taipa sabe? Então, de taipa, então as casas daqui era isso, a estradinha de barro pra se andar, um do lado do outro, chamava a vizinha “oh vizinha, acende o candeeiro”, pronto, o negócio aqui era esse, vinha por lá por baixo, pelo Bom Juá, que não era Bom Juá era Retiro, e subia até chegar aqui pelo fundo. Aí depois foi que fez a BR, que não tinha BR, não tinha asfalto, não tinha nada, tudo era barro, barro mesmo, quando chovia era pé no chão, na lama, pé no barro.¹³

Dona Hilda, também filha de santo da mesma geração, relata como era o transporte na região da Mata Escura e como se deu a sua chegada ao terreiro Bate Folha, com especial destaque à condição de uma Salvador rural.

Chegava, pegava o bonde lá na Barros Reis, saltava no Retiro, aí tinha um matadouro que matava boi, passava por trás do matadouro pela Jaqueira do Carneiro e saía aqui. Não tinha BR, só tinha boiada. Quando vinha, o medo só era esse, a gente encontrar com a boiada descendo, aí tinha que se esconder pra deixar a boiada passar, pra poder a gente continuar. Vinha por cima do Dique verde, tudo abaixadinho porque só era mato, quando chegava na Fonte da Telha, se chegasse 6h e a cancela tivesse fechada, não abria. Subia pela ladeira e saía aqui na frente, aí entrava por cá pela frente porque não abria o portão do fundo que era uma cancela.¹⁴

O afastamento do Bate Folha do centro da cidade, a exemplo das falas sobre a difícil vida da mobilidade e a ausência de transportes, funcionou como estratégia de proteção contra a perseguição religiosa. Há relatos que afirmam que Seu Bernardino foi o único pai de santo que o notável policial Pedrito não conseguiu prender e nem fechar o terreiro. A perseguição aos terreiros é algo relatado desde o século XVIII (REIS, 1988; REIS & SILVA, 1989;), foi muito intenso no início do século XX (LUHNING, 1996; LIMA, 2004) e que perdura até os dias atuais em várias regiões do Brasil, permitindo-se inferir sobre a tática dos grupos afro-brasileiros congregaram-se em regiões mais afastadas da cidade, na busca de organizarem

¹³Entrevista concedida por Sr^a Edelzuita de Souza Barreto. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 21 de setembro, 2016.

¹⁴Entrevista concedida por Sr^a Hilda Leonídia Santos. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 21 de setembro, 2016.

comunidades mais protegidas das práticas de violência e disciplinares experienciadas em algumas cidades.

A organização de terreiros e roças de candomblé em áreas de mata deve ser vista também como estratégia de preservação dos ritos afro-brasileiros, que dependem do acesso às áreas verdes, com espaços para o cultivo de plantas, criação de animais e água potável. Essa relação com a terra é bem marcada nas entrevistas com os membros do Bate Folha. Há uma cosmovisão que promove a conexão espiritual com a própria terra e uma interação profunda com os elementos naturais presentes no terreiro. Dona Hêda Maria dos Santos Leitão reforça como o terreiro “é um santuário. Esses arvoredos todos aí têm vida. E o que é que nós estamos fazendo aqui está sendo presenciado, por matéria não, por eles, eles existem, são forças.”¹⁵ Essas forças no contexto religioso do Candomblé Congo-Angola, são os Mkisi, os deuses cultuados pelos ritos que são as energias contidas na terra e na natureza. Por causa dessa profunda conexão com o sagrado, Dona Kátia Alexandria afirma em sua entrevista que “essa casa, é uma casa que eu sempre digo que era um lugar que ninguém devia entrar aqui de sapato, isso aqui é um espaço sagrado, isso aqui já foi candomblé antes de Bernardino conseguir essa terra pra ele”.¹⁶ Nas reflexões dos membros do Bate Folha, a historicidade da própria terra é conhecida e respeitada. Eles se identificam como os herdeiros de gerações de africanos e indígenas que utilizavam e dependiam dessa terra para sua vivência e saúde espiritual.

Sobre esse aspecto, é interessante trazer a compreensão de Marc Bloch, o autor entende a história como a ciência dos homens no tempo, não apenas como uma ciência do passado, dando um caráter mais humano, de rupturas e discontinuidades, sem a pretensa linearidade da história tradicional. Para Marc Bloch “não se explica um fenômeno histórico fora do estudo de seu movimento” (BLOCH, 2001, p.60). Nessa concepção, a história não deve ser examinada apenas como o estudo do presente para compreender o passado, mas, também, uma forma de compreender o passado pelo presente.

Na entrevista de Anália Maria Passos de Oliveira, que nas suas próprias palavras é “nascida em uma família onde as pessoas fazem parte da primeira geração” do Bate Folha, reforça como as histórias sobre os tempos antigos são passadas de geração em geração. Durante sua entrevista relata

¹⁵Entrevista concedida por Heda Maria dos Santos Leitão. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 28 de setembro, 2016.

¹⁶Entrevista concedida por Kátia Alexandria Barbosa. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 05 de outubro, 2016.

[...] é costume a gente ouvir, passar de um para o outro as histórias do Bate folha. Essa questão de buscar água lá embaixo, na Fonte da Telha, de jegue, e aí estão aqui os meus mais velhos, que estava a mãe Keriankê, aqui antes, que criou muitos barcos, inclusive o meu, e que lavava pra gente, cozinha e que eu ia na Fonte da Telha lá em baixo pra buscar essa água. Então é costume, é relato a gente ouvir. A minha própria mãe, o caminho dela e de todas era por essa Fonte da Telha, pelo Bom Juá, aqui pra baixo, e que elas soltavam no Retiro e subiam a pé até aqui. Então é costume a gente ouvir esse relato desses mais velhos.¹⁷

Em sua fala, Anália Oliveira cita lugares marcantes contados pelas gerações anteriores em relação à estrutura do terreiro, do bairro e a convivência espacial na região. Lugares como “a Fonte da Telha” e casas de palha de africanos são registrados em documentos, plantas e mapeamentos das terras na região do século XIX (NUNES, 2016).¹⁸

Mesmo não vivenciando a época, Anália Oliveira tem conhecimento desses outros tempos como uma herança familiar do terreiro. Ela compara a iniciação religiosa no Bate Folha a “uma gestação” quando destaca sua experiência: “É mesmo como se a gente fosse um bebê, sabe, então o que é você acordar, com umas pessoas de 60 anos com um mingauzinho quentinho na sua mão, sabe?”.¹⁹ Ressalta o compromisso dos mais velhos com os mais novos na transmissão de conhecimento, tanto histórico quanto ritual: “[...] eles têm aquele cuidado de ensinar, de passar corretamente, na época certa, tudo direitinho. E a gente aprende, basta você querer. Agora, no período certinho, sabe. Eles têm muito cuidado em ensinar”.²⁰ Esse cuidado é recorrente no relato das/os entrevistadas/os como sendo algo característico do Bate Folha, o que Dona Hilda reforça com risadas, “aqui mesmo é um mais velho cuidando do mais novo e o mais novo cuidando do mais velho... É a convivência, né! É a união, a irmandade tem que ser assim, um cuidando do outro”.²¹ Dona Kátia Alexandria também ressalta esse aspecto central do Bate Folha em seu relato: “É um terreiro que como eu falei que é uma casa de acolhimento, isso pra mim é o que mais me emociona, porque infelizmente o idoso é abandonado, aqui ele é acolhido, ele é abraçado, entende?”.²²

¹⁷Entrevista concedida por Anália Maria Passos de Oliveira. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 28 de setembro, 2016.

¹⁸ Plantas originais dos terrenos do Bate Folha são encontrados do APEB, Inventário (arrecadação), Feliciano Pereira de Jesus, 07/3136/01, 1893/1896.

¹⁹Entrevista concedida por Anália Maria Passos de Oliveira. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 28 de setembro, 2016.

²⁰Ibid.

²¹Entrevista concedida por Hilda Leonidia Santos. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 21 de setembro, 2016.

²²Entrevista concedida por Kátia Alexandria Barbosa. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 05 de outubro, 2016.

A ancestralidade está presente nas figuras das mulheres mais velhas da casa. Cuidado e respeito observado entre os mais velhos e os mais novos, aspecto marcante das entrevistas, principalmente quando se fala na *Nengua Guaguansese*, Dona Olga. Há especialmente um respeito às mulheres, que possuem um papel singular na continuação e preservação das tradições do terreiro. Mesmo que o Bate Folha seja apenas liderado por pais de santo, as mulheres têm grande importância e predominância nas atividades cotidianas e rituais do terreiro. Antes das festas, há a preparação de tudo, incluindo a ida à feira e a organização prévia sob a orientação dela: comprar azeite, animais, quiabo e tudo o mais para os pratos. Nas festas, o movimento começa cedo e avança noite adentro, com o envolvimento de toda a comunidade e visitantes. D. Olga é primeira a acordar e a última a dormir. Observa e participa na casa e no barracão até o fechamento da festa. Nos dias comuns, está sempre cuidando das rotinas da casa, da preparação dos alimentos, da atenção com os idosos adoentados.

Não são poucos os membros atuais que se lembram dos tempos de Seu Bernardino e da geração fundadora do terreiro. Dona Olga, a mais velha do terreiro, foi iniciada com o segundo pai de santo da Casa, Tata Bandanguame (Antônio José da Silva). Conforme relato, frequentava o terreiro nos tempos de Seu Bernardino e como o fundador “não quis me recolher porque eu era menina (criança) e ele não gostava de recolher menina, aí eu fui ficando, ficando e tal, até Seu Bernardino falecer”.²³ Dona Rita Cerqueira Lima, 82 anos, afirma como praticamente nasceu no terreiro e se recorda muito da pessoa de Seu Bernardino. Relata que sua mãe fez parte do primeiro barco de Seu Bernardino, em 1929, juntamente com outras sete pessoas e relembra que quando ele faleceu tinha onze anos e suas lembranças ainda detalham a figura de seu Bernardino.

[...] bonito, alto, magro, simpático, meio sisudo, né... porque naquela época o candomblé era discriminado demais... ele era uma pessoa de muito respeito, sabe? Todos nós respeitávamos muito. Era uma pessoa que tinha uma bela voz e dançava muito bonito. Os Nkisis dele era muito bonito também. Isso me lembra bastante dele, sabe? ... Me lembro tudo, tudo dele, como se fosse hoje, agora.²⁴

Dona Rita fala do fundador com admiração e carinho, refletindo suas memórias desde os tempos de infância no terreiro. Lembranças ricas da fundação do terreiro, na região da Mata

²³Entrevista concedida por D. Olga Conceição Cruz. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 14 de setembro, 2016.

²⁴Entrevista concedida por D. Rita Cerqueira Lima. Terreiro Bate Folha. Agência Experimental, UFBA. 21 de setembro, 2016.

Escura, periferia de Salvador. Neste lugar em que viveram gerações de pessoas e que permanecem envolvidas ainda hoje com o terreiro.

Este breve relato buscou transitar nas memórias do terreiro vistas a partir das entrevistas e vivências registradas ao longo do processo de filmagem do documentário do Bate Folha. O Manso é fruto de uma comunidade de sentido compartilhada, que na concepção de Le Goff, elucida a relevância que a memória coletiva representa, pois se trata de um “elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469). Os registros criados pelo processo de filmagem do documentário “Os 100 anos do Bate Folha” fazem parte da produção de conhecimento sobre essas identidades circunscritas não apenas no contexto do candomblé de Angola, especificamente no terreiro Bate Folha, mas que representa pelo menos cem anos de história de uma região, de uma prática religiosa e suas gerações, tanto familiares como espirituais pertencentes ao panteão da diversidade cultural afro-brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Fontes orais: histórias dentro da História*. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bassanezi. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 155 a 171.

SANT’ANNA, Márcia. “O tombamento de terreiros de candomblé no âmbito do IPHAN: critérios de seleção e de intervenção” In: Políticas de Acautelamento do IPHAN para Templos de Culto Afro-Brasileiros. IPHAN: Salvador, 2012.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: História e Memória. 5ª ed. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

LIMA, Vivaldo da Costa. O candomblé da Bahia na década de 1930. In: *Estudos Avançados*. 18 (52), 2004, p. 201-221.

LUHNING, Ângela. Acabe com este santo, Pedrito vem aí. *Revista USP*, São Paulo (28): 194 - 220, Dezembro/ Fevereiro 95/96.

NUNES, Erivaldo Sales. “Contribuição para a história do candomblé Congo-Angola na Bahia: O Terreiro de Bernardino do Bate Folha (1916-1946)”. Tese de doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.

REIS, João José. “Magia Jeje na Bahia: A Invasão do Calundu do Pasto de Cachoeira, 1785. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 8 no. 16, p. 71-72, mar.88/ago/88).

REIS, João José & SILVA, Eduardo. Negociação e conflito: A resistência negra o Brasil escravagista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SERRA, Ordep. “Laudo antropológico: Exposição de motivos para fundamentar pedido de tombamento do Terreiro do Bate Folha como patrimônio histórico, paisagístico e etnográfico do Brasil” in: Os olhos negros do Brasil. EDUFBA: Salvador, 2014.

VELHO, Gilberto. “Patrimônio, negociação e conflito” In: Políticas de Acautelamento do IPHAN para Templos de Culto Afro-Brasileiros. IPHAN: Salvador, 2012.